

Através da *Travessia*, uma Outra *Travessia*, sempre

*Carlos Eduardo Schmidt
Capela e Susana Scramim¹*

Circunstâncias em boa medida fortuitas nos levaram a atuar de modo determinante na trajetória da *Travessia*. Tal determinação, longe de indicar um mero índice de vaidade, advém da consciência que temos de termos procurado definir diretrizes para a revista, num momento em que ela passava por uma fase crítica, de quase inanição.

Como usual no caso de publicações acadêmicas, em particular aquelas ligadas a Programas de Pós-Graduação, a *Travessia* já há algum tempo pautava-se notadamente pelo voluntarismo daqueles que ousavam propor, ou se incumbiam da tarefa de propor, a organização de cada uma das suas edições. Claro que pode se argumentar que uma prática como essa fornece indicações mais ou menos valiosas sobre interesses, temas, referências e diálogos que perpassam o coletivo dos docentes e colaboradores do Programa de Pós-Graduação em Literatura. Mas se há aí virtude, nem por isso esta não se vê prejudicada, por exemplo, por uma inevitável dispersão, falta de perspectiva, ausência de critérios que delineiem mesmo um esboço de política editorial. O que, em suma, dificulta, senão impede, uma efetiva inserção em debates intelectuais contemporâneos, algo que qualquer publicação, sobretudo acadêmica, deve almejar conseguir em seu campo de conhecimento.

Claro que a solução personalista acarreta outras consequências negativas para a imagem da revista, a mais visível dentre estas sendo porventura a dificuldade em manter a periodicidade. Mais grave, porém, é o inevitável esvaziamento do Conselho Consultivo, que tende a se transformar em uma lista de nomes que à revelia, ou quase, apenas referendam o material publicado, o

1 * Ambos são professores de Literatura na Universidade Federal de Santa Catarina e pesquisadores CNPq.

qual por vezes conhecem apenas após editado, e a inexistência, ou quase, de propostas temáticas abertas à comunidade universitária, com a conseqüente submissão de ensaios e textos e sua posterior seleção, processo esse que fornece a caução mais sólida a qualquer publicação acadêmica.

Problemas como tais, entre outros, tornaram-se evidentes quando da organização da edição de número 39 da *Travessia*, “Literatura e/i migração”, lançada em 2002, porém, com data relativa ao segundo semestre de 1999. Organizar, no caso, significou definir o tema (relacionado a pesquisas e reflexões que mobilizavam a atenção do organizador), convidar colaboradores, receber, revisar e redigitar os textos, providenciar capa, entrar em contato com a editora e a gráfica universitárias para tentar manter o prazo, enviar exemplares para conselheiros e assinantes, entrar em contato com a Biblioteca Universitária para que a revista fosse distribuída; em suma, inúmeras atividades que obrigavam os organizadores a lutar contra a falta de organização e estrutura que viabilizasse a publicação. Por certo que essa situação perpassava a Instituição Universitária como um todo, revelando uma lamentável ausência de profissionalismo no seio mesmo de uma organização que tem entre suas atribuições justamente a formação e capacitação de profissionais, paradoxo de mais a mais revelador de um quadro, e não de uma crise, que infelizmente ainda persiste em diversos setores, ainda que nos últimos anos matizada.

O propósito inicial que nos moveu naquele momento foi o de tentar responder a esse estado de coisas que teimava em persistir. O empreendimento talvez tenha sido mais romântico que propriamente ousado. Nossa reflexão sobre o fazer editorial tinha como orientação aquilo que Giorgio Agamben defendia quando também propôs, sem muito êxito, a criação de uma revista, cujo projeto é exposto no apêndice ao livro *Infância e história*. Além de procurar uma revitalização dos temas que perpassavam a cultura italiana moderna, deveria também ter no seu horizonte de trabalho analítico uma interrogação à filologia, isto é, à historiografia moderna da cultura, sobre suas possibilidades de ultrapassar seus limites acadêmicos e operar a tarefa que lhe é essencial. Para Giorgio Agamben e seus companheiros de futura revista, a filologia deveria construir o caminho para destruir a ideia de destruição, ou seja, promover a destruição da transmissibilidade. Em “Programa para uma revista”, Agamben defende que a filologia deveria destituir-se da tarefa que lhe fora indevidamente atribuída de garantir o caráter genuíno e a continuidade da tradição cultural. Antes disso, como condição preliminar de toda educação literária, o conhecimento da essência e da história da filologia deveria ser recolocado. E quais eram essa “essência” e “história” da filologia? A força de interrupção e distanciamento entre patrimônio cultural e sua transmissão, entre verdade e transmissibilidade, entre escritura e autoridade. Agamben, retomando as categorias de Walter Benjamin na sua caracterização da historicidade da obra de arte, ou seja, o seu “conteúdo fático” e o seu “conteúdo de verdade”, nos diz que há uma verdade, porém, não a possibilidade de transmiti-la; existem meios de transmissão, mas que não transmitem nem ensinam nada. Essa seria uma constatação que necessita sacar de sua própria impossibilidade a possibilidade de sua existência. É isso o que Giorgio Agamben reivindica como força de interrupção e que, segundo o filósofo, fora produzida nos primórdios da modernidade ocidental, mas, em função de não ter sido formulada de maneira conveniente, essa questão se lança como um desafio a ser urgentemente superado por nossa cultura.

Munidos dessa vontade, mas ao mesmo tempo sem nenhuma utopia que a

tarifa a ser cumprida pudesse trazer-nos alguma posição de guardiões de uma tradição crítica atual, assumimos como desafio colocar também a periodicidade da revista *Travessia* em dia. Como, após um razoável intervalo sem que uma nova edição tivesse sido lançada, a *Travessia* seguinte seria a de número 40, comemorativa aos 20 anos de sua existência (que ocorrera em 2000), resolvemos desenhar e propor uma ampla reformulação na revista. Esta abrangeu desde aspectos mais básicos, relativos à formatação, às dimensões dos volumes, à qualidade gráfica, entre outros, até questões propriamente editoriais.

Era para nós evidente que a área de literatura vivia, se é que o pretérito não deva ser substituído por um incômodo presente, no espaço em que predominam instituições universitárias mais bem consolidadas, em particular no Sudeste e Sul do país, um relativo marasmo, que boa parte dos congressos atestavam, e que também se refletia nos periódicos. O diagnóstico era o de que imperava um convencionalismo e um conformismo que ameaçava tornar-se um nada abonador lugar comum. A ambição era a de recriar a revista, dotando-a de uma linha sólida de trabalho, de sorte a que ela pudesse vir a influir decisivamente, colaborando, mesmo no modo polêmico, para desestabilizar a quietude predominante.

Uma das primeiras providências foi a de transformar o Conselho Editorial em Conselho Consultivo, para o que foram convidados professores e pesquisadores de diversas Universidades, nacionais e estrangeiras, de reconhecida competência e projeção acadêmicas. Procurando evitar qualquer tipo de localismo exacerbado, e com o objetivo de nos adequarmos às exigências do QUALIS e do CNPq para sermos compreendidos como um periódico de alta qualificação acadêmica, 16 dentre os 26 intelectuais que assumiram o compromisso de atuar como conselheiros eram ligados a instituições estrangeiras, da Europa e das Américas do Sul e do Norte. Eram eles: Adriana Pérsico (Universidad de Buenos Aires, Argentina), Andrea Pagni (Universität Rostock, Alemanha), Ellen Spielmann (Universität Leipzig, Alemanha), Ettore Finazzi Agrò (La Sapienza, Roma), Florencia Garramuño (Universidad San Martín, Argentina), Gabriela Nouzeilles (Princeton University, Estados Unidos), Gema Areta (Universidad de Sevilla, Espanha), Gonzalo Aguilar (Universidad de Buenos Aires, Argentina), Graciela Montaldo (Universidad Simón Bolívar, Venezuela), Helena Buescu (Universidade Nova de Lisboa, Portugal), Lúcia Sá (Stanford University, Estados Unidos), Luz Rodríguez Carranza (Leiden Universiteit, Holanda), Roberto Vecchi (Università di Bologna, Itália), Sonia Mattalia (Universidad de Valencia, Espanha), Sylvia Sáitta (Universidad de Buenos Aires, Argentina), Hugo Achugar (Universidad de la República, Uruguai). No caso dos brasileiros, seis dos conselheiros pertenciam a outras Instituições e Universidades que não a UFSC: Antonio Carlos dos Santos (UNISUL, SC), Berta Waldman (USP, São Paulo), Flora Sússekind (Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro), Franscisco F. Hardman (UNICAMP, São Paulo), João Cezar de Castro Rocha (UERJ, Rio de Janeiro), Wander de Melo Miranda (UFMG, Minas Gerais). Um ponto crucial foi o de solicitar a cada um deles a disponibilidade para a realização de pareceres *ad hoc*, algo fundamental para garantir a respeitabilidade da revista.

Para contornar problemas decorrentes da ausência de financiamento, com o que a execução de cada edição da *Travessia* dependia do apoio e da boa vontade da Editora e da Gráfica Universitária, conseguimos o aporte financeiro do Programa de Pós-Graduação em Literatura, o que garantia a manutenção da periodicidade. Isso, ao

mesmo tempo, possibilitou uma completa remodelação gráfica da revista. As dimensões foram ampliadas, o tipo de papel, a qualidade da editoração, que passou a ser feita por um profissional de alta competência, o cuidado com as ilustrações, enfim, o próprio objeto-revista atestava o desejo e o esforço de mudança.

Como estávamos já no final do primeiro semestre de 2004, com mais ou menos cinco anos de atraso em relação ao fluxo de tiragens estipulado, de duas edições anuais, a opção foi a de lançar simultaneamente dois números. Sabíamos que esse movimento nos colocava numa espécie de encruzilhada, entre um ciclo que se encerrava e outro que se abria. Para tornar isso cristalino, e visto que almejávamos patentear as transformações, resolvemos renomear a revista, tomando, porém, o cuidado de preservar a sua marca, que sempre mereceu todo o nosso respeito. Daí a escolha por intitular a nova fase da *Travessia* com o acréscimo de um singelo termo, pronome ou adjetivo, ‘Outra’, com o que se indicava uma conclusão que ao mesmo tempo implicava uma abertura. Resolvemos, também, que essa transição deveria ser textualmente marcada: daí o lançamento de uma edição ambivalente – a derradeira *Travessia*, a de número 40, tal como aparecia na capa, foi também a primeira *Outra Travessia*, tal como aparecia na contracapa, ambas marcadas pelos logotipos delas característicos.

Dado que o próprio (re)surgimento da revista punha em questão a existência de uma revista acadêmica, sua importância, funções e espaço, foi quase natural a escolha do tema, que propunha reflexões exatamente sobre revistas, acadêmicas ou não. Daí o título: “Revistas literárias / revisitas”, ao modo de um micropoema. O que, aliás, se repetiria na edição seguinte, “da Cunha / Euclides / de cunhas”, com a qual buscávamos inserir a *Outra Travessia* nas discussões suscitadas pelo centenário do lançamento do livro que inseriu definitivamente o nome de Euclides da Cunha na cultura brasileira e ocidental.

Vale lembrar que a necessidade urgente de “(re)inaugurar” a revista, e o esforço de pelo menos dirimir o crônico atraso na periodicidade, fez com que os ensaios publicados fossem solicitados a pesquisadores afeitos aos temas propostos. Nem por isso, porém, não se procurou cumprir algumas das metas editoriais, a de buscar uma internacionalização da revista e a de apresentar traduções de ensaios relevantes no campo dos estudos literários, ainda inéditos ou pouco conhecidos no Brasil.

Foi, contudo, a partir da terceira edição da *Outra Travessia, América Latina: uma arquitetura barroca*, que os propósitos editoriais foram cumpridos de maneira mais satisfatória. A começar por seu tema, que teve por objeto emanções e “imanações” do barroco e do neo-barroco no espaço latino-americano. Salvo exceções, por sua vez justificadas unicamente para o caso de estudiosos de competência e conhecimento inquestionáveis, todos os ensaios publicados foram objeto de avaliação por parte de ao menos dois membros do Conselho Consultivo. Nesse número 3 da revista *Outra Travessia* dedicamos um grande espaço para a discussão sobre a produção crítica e ficcional latino-americana. Para estimular a reflexão organizamos uma enquete a respeito dos saberes críticos produzidos na América Latina. Foram convidados a participar críticos latino-americanos que escrevem na América Latina, prática essa que não foi circunscrita com base em critérios geográficos, mas construída em observância a uma prática crítica que se define pela posição que tenha frente à questão do próprio e do alheio em suas culturas, sendo que isso definiria a identidade latino-americana para além da cultura globalizada que hoje se predica.

Propusemos algumas questões a serem respondidas com base no argumento de que a identidade latino-americana não se constrói de um modo abrupto, sendo, ao contrário, uma construção no sentido pleno do termo. Constitui-se em um amplo processo que permite a inovação sem rupturas da tradição, que é permeável a influências externas as quais necessariamente devem operar a ultrapassagem do maniqueísmo pouco frutífero do par alheio/próprio, borrando ou rasurando limites ou marcos estanques.

As questões que propusemos tinham como objetivo evidenciar o trabalho que vêm realizando esses críticos cujas influências teóricas deveriam estar marcadas para que pudéssemos desenhar um mapa dessa prática latino-americana com base nos relatos de seus protagonistas. Sendo assim, a primeira pergunta interrogou sobre as influências teóricas que consideravam importantes para configuração do trabalho crítico de cada um. A segunda pedia uma referência ao presente, quer seja, por onde passa o interesse investigativo de cada um desses pesquisadores e, especialmente, quais são as leituras que lhe interessam nesse momento. Uma questão crucial para o debate proposto interrogava sobre a existência de uma crítica literária latino-americana. E, por fim, pedimos aos críticos um pequeno balanço sobre as discussões em torno dos estudos culturais, dos estudos de gênero e da transdisciplinaridade. Os críticos que participaram desse debate na revista foram Noé Jitrik (Universidad de Buenos Aires), Silvano Santiago (Universidade Federal Fluminense), Raúl Antelo (Universidade Federal de Santa Catarina), Doris Sommer (Harvard University), Eneida Maria de Souza (Universidade Federal de Minas Gerais), Diana Sorensen (Harvard University) e Heloísa Buarque de Holanda (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

No quarto número, *Arte e Literatura*, em que parte dos ensaios foi também avaliada, publicou-se uma primeira tradução do ensaio de Susan Buck-Morss, “Pensar além do terror: o islamismo e a teoria crítica de esquerda”, que introduzia a chamada à reflexão sobre relações entre a arte e a literatura, tendo como linha de fuga o trabalho de Osman Lins.

A edição seguinte foi porventura aquela em que a linha editorial proposta teve seu contorno mais nítido, e cuja concretização foi mais bem acabada. Não apenas foi publicada a tradução de um ensaio de Giorgio Agamben, “O que é um dispositivo?”, base da conferência que o autor proferiu no Rio de Janeiro por ocasião de sua visita ao Brasil, que incluiu também uma conferência na UFSC, como, nesse número, colocamos em discussão uma questão fundamental que perpassa a reflexão contemporânea no que tange a relações entre política, vida e cultura: *A exceção e o excesso*. Para tanto, buscou-se fomentar o debate em torno do conceito de soberania, com o que o pensamento de Georges Bataille foi introduzido enquanto contraponto polêmico. Foi, ao que parece, entre as cinco edições da *Outra Travessia* por nós organizada, a única que se esgotou. O que nos pareceu, e parece ainda, um sinal, um bom sinal.

Para concluir, só nos resta agradecer a todos aqueles que colaboraram para que a *Outra Travessia* tenha se tornado realidade com tudo o que desejávamos que ela tivesse, isto é, qualidade, periodicidade e respeitabilidade. Agradecemos aos consultores, tradutores, ensaístas, ilustrador e responsável pela edição, enfim, todos aqueles que se somaram a um trabalho conjunto que deixou sua marca.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História*. A destruição da experiência e a origem da história. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. Trad. Flávio Kothe. In: _____ . *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

REVISTA *OUTRA TRAVESSIA*, n. 1, n. 2, n. 3, n. 4, n. 5, n. 6. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Literatura, 2000-2005.